

A close-up photograph of a woman's midsection. She is wearing a white bikini top with a large white bow at the center and pink and white checkered bikini bottoms. A hand is visible on the left side, touching her waist. The background is a bright pink wall.

**Petala Parreira**

# **Escrava de favela**

**Duas irmãs novinhas vendi-  
das pelo próprio pai e  
brutalmente escravizadas  
por traficantes**

Meu primeiro contato mais intensivo com o tráfico tive com 12 anos. Meu primo levou-me consigo para visitar um “amigo”, como ele me disse. Mas como eu percebi foi a casa de traficantes, uma boca de fumo, em que fomos recebidos. E ele pagou dinheiro. Evidentemente não para comprar novas drogas, mas para pagar uma dívida.

Mas o pessoal não ficou satisfeito e eles brigaram com ele. Ele deu pretextos e falou que pagaria o resto na outra semana, mas não lhe foi concedido maior prazo. Queriam ficar comigo de penhor para que ele logo trazer mais dinheiro, mas ele nem com essa ameaça o conseguiria. E assim forjaram uma outra solução mais fácil: Faltaram R\$ 180. Falaram que ele poderia pagar a dívida comigo. Eu deveria chupar os dez rapazes da banda dos traficantes presentes no local, e depois seria desvirginada pelo chefe deles. Ganharia chupando por pessoa R\$ 10, e venderia meu cabaço por R\$ 80, podendo arcar assim com a dívida de meu primo.

Falei que não o faria, mas os traficantes pegaram meu primo e um deles segurou uma arma na cabeça dele. Disseram-me que o matariam se não pagasse, e vi que não tive outra escolha. Chupei, e depois sacrifiquei minha virgindade. Porém, tive muito medo que não conseguiria chupar direitinho e que eles não conseguiriam gozar em minha boca por falta minha de habilidade. Por isso me esforcei fechando bem os lábios ao redor da carne quente enfiada em minha boca e tentei usar a língua, mas na verdade foi muito fácil e todos gozaram, alguns dentro de poucos momentos, outros com mais trabalho e só porque eles enfiavam com força, seguraram minha cabeça e me deram algumas tapas.

Quanto à virgindade não chorei muito, porque menina na favela sempre perde-a cedo. Pensei que pelo menos não a perdi à toa, e perdi-a com um rapaz importante e nem feio e não com um João Ninguém ou um velhinho feio. Aguentei a dorzinha, mas menina na favela não deve ser muito mole nessas coisas e reclamar, como já

sabia. Se o rapaz depois tivesse me pedido para voltar mais para namorar com ele teria aceitado numa boa, escapando assim de coisas piores.

Na saída da boca de fumo pedi logo o celular de meu primo para ligar para uma amiga, porque não queria aparecer assim cheia de porra na casa de meus pais. Eles poderiam ter descoberto a verdade e ter dado uma surra em mim. Mas ele não quis emprestar-me o celular. Falei: “Pelo menos poderia ser grato porque eu te ajudei para escapar de ser morto. Por isso pelo menos poderia me emprestar o celular, para começar a pagar a dívida comigo.”

Ele não gostou do que eu disse e respondeu ríspido: “Que dívida, menina. Que dívida? Não tenho dívida nenhuma com você.”

Insisti, mas aí ele ficou aborrecido e levou-me a um cantinho escuro. Mostrou-me seu celular e o vídeo que ele conseguiu fazer mostrando me nua e chupando com fervor paus de rapazes. Ele falou que iria mostrar o vídeo na minha turma e aos meus pais, se eu seria

birrenta. Eu deveria ser generosa com ele para ele não publicá-lo. Fiquei calada, pensei e vi que não tive opção. Cedi e ele levou-me para a sua casa. Pude tomar banho, mas tive que recompensar meu primo e chupá-lo duas vezes. Depois consegui evitá-lo e só uma vez, umas seis semanas depois do evento, ele me encontrou sozinha e me obrigou chupá-lo mais uma vez, sempre dizendo que eu deveria obedecer a ele para ele não publicar o vídeo.

Não sei se ele quebrou a promessa de não mostrar o vídeo ou se também os traficantes me filmaram ou se as notícias se espalharam boca a boca. Pelo menos um rapaz de uns 15 anos na minha turma da escola com o nome Daniel começou a me assediar e falar coisas sujas no meu ouvido, sobretudo me chamando de chupadora e perguntando como me sinto quando chupar vários paus de vez ou se eu gostava da minha defloração. Ignorei o rapaz. Ainda mais, para escapar do perigo, aceitei os convites de duas amigas e segui a

elas para a igreja delas, uma Assembleia de Deus com uns 70 membros não muito longe da minha casa.

Gostei das músicas, das danças, da amizade, dos estudos domingo cedo e comecei a frequentar a igreja.

Senti-me também mais protegida tendo amigas que me acompanhavam nesse caminho. Assim passaram uns meses e senti-me cada vez mais feliz. Muitas vezes senti uma presença algo sobrenatural em mim que entendi como a presença de Deus em meu coração.

Quando a nossa escola promoveu uma festa junina resolvemos contribuir com uma dança para a festa. Eu, as duas meninas da minha igreja e mais outras meninas de outras igrejas evangélicas. Era uma música sertaneja combinando com o estilo da festa, mas com um texto evangélico. Com a ajuda da mãe de uma das meninas consegui uma saia meio-longa parecida com as que as mulheres usavam antigamente, e uma tia me deu botas de cano alto. Botei um monte de batom vermelho nos lábios e nas bochechas e assim fui para a festa.

A dança agradou e até Daniel, o rapaz que sempre me chamava de chupadora, apareceu com um amigo e elogiou-me sem falar palavras feias. Pensei que talvez poderia mudar a malícia dele, quem sabe até evangelizá-lo e por isso respondi com gentileza. Aí os dois rapazes me convidaram para ver um carro muito chique estacionado na garagem.

Não tive interesse para ver o carro, mas para fazer média concordei. Já que o outro rapaz levou também uma menina que estava em companhia dele me senti segura. Descemos uma escada sem luz, e em baixo, quase em plena escuridão, o rapaz abriu um portão que leva a um tipo de despensa. Nunca imaginei que poderia ter um carro neste lugar.

O outro rapaz e a menina dele ficaram atrás de nós, mas a menina parou no meio da escada com medo da escuridão. O rapaz falou que poderia voltar para a festa e aí ela desapareceu. Fiquei com medo e não entrei pelo portão, e aí o Daniel, que estive ao meu lado, disse: “Entra, chupadora.”

Aí assustei ainda mais e quis voltar, mas ele me segurou e o outro rapaz ficou no meio da escada como para trancar a saída para mim. O primeiro repetiu “Entra, chupadora”, e quando não reagi começou a puxar-me para dentro. Mas me segurei com as duas mãos na aldrava do portão. Este fechou e ficamos na escuridão total. Senti como alguém agarrou minha cintura e puxou, mas eu não soltei a porta. Aí senti como ele ou quem sabe os dois juntos levantaram a minha saia e a puxaram para cima até chegar quase aos meus punhos, tendo por dentro meus peitos, minha cabeça e os braços, enquanto a barriga, a bunda e as pernas estavam nuas com exceção das botas e da calcinha fio dental que mal protegia a bucetinha.

De repente senti algo ao redor de meus punhos. Talvez achassem uma corda ou usassem a própria bainha da saia e amarraram-me assim os punhos um ao outro. Nem assim soltei a aldrava, mas de repente senti algo frio na minha bunda e logo cortaram minha calcinha e ela caiu aos meus pés, e quase no mesmo momento



senti mãos e dedos na minha bunda e entre as minhas pernas, abrindo meus lábios femininos tenras e dóceis que vigiam a parte mais sagrada de uma menina.

Exploraram meus segredos por um tempo. Gemi, mas meus guinchos foram abafados pelos tecidos da saia, e quando gritei mais alto senti um braço enfiar-se entre meus peitos e uma mão enfiou a minha calcinha em minha boca. Em seguida senti algo bater contra minhas portinhas que ofereci sem querer nessa posição forçada para os rapazes e percebi que queriam me estuprar. Desviei a bunda e fiquei de cócoras. Assim não podiam transar, mas entre as pernas fiquei aberta e desprotegida e os dedos e mãos trabalharam com vigor e socaram tanto em mim que apesar das dores e da vergonha molhei um pouco. Tentaram puxar-me para cima pelos cabelos, mas sempre quando me soltaram para transar me agachei de novo. Aí pegaram meu grelhinho entre os dedos e me forçaram para me levantar de novo, mas quando tentaram de enfiar o pau de atrás

o grelinho deslizou e escapou dos dedos, e antes de ser perfurada pelo pau agachei-me de novo.

Em compensação recebi algumas palmadas na bunda, mas eles perceberam que foi inútil e mudaram a tática. Pegaram um lábio menor da minha bucinha e levantaram-me como alguns pais levantam um menino malcomportado pela orelha. Gritei abafada pela mordaca mas tive que ceder. Quando estive em cima senti outros dedos puxando meu grelinho, e de repente estes apertaram este pedacinho de carne mais precioso e sensível com força, encravando também as unhas como um alicate neste apêndice feminino indefeso. Torci-me como uma serpente e soltei as mãos para proteger minha vagina, mas com a saia amarrada ao redor de meus braços nem consegui alcançar o colo e abanei as mãos em vão no ar, gemendo e me torcendo como em uma dança excitadíssima.

Logo alguém pegou minhas mãos e puxou, e sem enxergar nada caí e fui arrastada com a bunda nua pelo chão. Tentei ajudar com os pés para não ser

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

